

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: PRÁTICAS DE UMA DOCENTE DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Micheline Cordeiro Sobral da Silva

Orientador: Leila Nascimento Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG)

m.sobral1@outlook.com

leilansufrpe@gmail.com

Introdução

Ler e escrever são aspectos da alfabetização que estão sempre presentes em pesquisas, são estudos relacionados ao papel do professor, aos alunos e suas dificuldades, aos métodos de apropriação do sistema de escrita alfabética. Seguindo este último aspecto, pesquisas recentes apontam as habilidades de consciência fonológicas, como uma metodologia importante e necessária para o desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização (AQUINO, 2007; BEZERRA, 2008).

Partindo deste pressuposto identifico a importância de compreender o processo do sistema de escrita alfabética como sistema notacional, seguindo este princípio, assim defendo a importância das habilidades de consciência fonológica como uma metodologia de ensino necessária para avançar nas hipóteses alfabéticas (pré-silábica; silábica; silábica alfabética; alfabética.), mas mantendo a coerência que somente a consciência fonológica sozinha não será capaz de alfabetizar uma criança.

Aquino (2007) e Bezerra (2008), em suas pesquisas desenvolvidas em turmas de Educação Infantil, apresentam a exploração das habilidades de consciência fonológica vivenciadas em sala de aula, exploradas através de cantigas, parlendas, travas-línguas e jogos de consciência fonológica apontam o desenvolvimento das crianças nas hipóteses alfabéticas fundamentando mais uma vez a importância da interação da consciência fonologia e a alfabetização desde o final da educação infantil e o início da educação fundamental.

Leite (2006) apresenta em seu estudo a importância das habilidades de consciência fonológica na alfabetização, explorando o conceito de consciência fonológica e o seu papel no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Os estudos apresentados evidenciam a importância da consciência fonológica no ensino de leitura e escrita, vemos, portanto, que é essencial para alfabetização situações que envolvam habilidades de consciência fonológica, pois permitem aos alunos avançarem nas hipóteses alfabéticas.

Inicialmente a pesquisa que vem sendo desenvolvida encontra-se no embasamento teórico, no qual apresento como resultado inicial, uma discussão acerca da Alfabetização na perspectiva do Letramento e a importância da Consciência Fonológica para as crianças na compreensão do sistema de escrita alfabética (SEA), assim a discussão apresentada, compreende a uma pesquisa mais ampla que têm como propósito discutir as relações entre a consciência fonológica e alfabetização, através de um estudo sobre as práticas de uma docente do 1º ano do ensino fundamental, com foco em suas práticas de alfabetização e sua relação com a consciência fonológica, considerando os aspectos de sua prática, se em suas práticas são exploradas as habilidades de consciência fonológica, a frequência que ocorrem e a dinâmica de sala de aula da docente nos momentos das práticas de alfabetização.

Metodologia

A pesquisa em andamento se trata de um Estudo de Caso que segundo (LÜDKE, 2012, p.17). “O estudo de caso é um estudo de um caso, seja simples e específico, é sempre bem delimitado devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”.

A pesquisa tem como princípio conhecer, as práticas de uma docente do 1º ano do ensino fundamental com foco em suas práticas de alfabetização e sua relação com a consciência Fonológica, de forma simples a pesquisa que vêm sendo desenvolvida apresenta as características de um estudo de caso o que justifica a doação desse tipo de pesquisa.

Assim, acompanharei a rotina de uma docente formada em pedagogia, que atua no 1º ano do ensino fundamental da Rede Municipal de Garanhuns que realiza suas práticas de alfabetização na perspectiva do letramento bem como o uso de habilidades de consciência fonológica.

Com a entrevista e a observação, irei analisar a mediação da docente que ocorrem em sala, aspectos relevantes, como acontecem suas práticas de alfabetização e letramento e se contemplam as habilidades de consciência fonológica, fazendo um vínculo entre o que a participante da pesquisa fala sobre suas práticas e suas ações, assim possibilitara uma análise de suas ações nos momentos de ocorrência das práticas de alfabetização e consciência fonológica.

Resultados e Discussão

Ao longo da história, por muito tempo a alfabetização era entendida como aquisição de um código escrito “aprendido” a partir de práticas de codificação e decodificação, desenvolvidas por meio dos métodos sintéticos que partem de unidades menores (alfabéticos, silábicos e fônicos), os métodos analíticos que partem de unidades maiores (palavração, sentencição e global). Esses métodos de ensino que se resumem em aprender ler e escrever desvinculados dos contextos sociais.

Nesta proposta a alfabetização se configura como um método funcional apenas um ato mecânico focalizado na transcrição da linguagem oral em escrita a partir da memorização de letras e sons “o alfabeto não teria propriedades ou princípios conceituais que o aprendiz precisaria compreender” (MORAIS, 2012, p.28).

O processo de alfabetização ganha uma nova concepção associada ao letramento que seria “o desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais de leitura e de escrita, aqui compreendido como sendo o processo de letramento.” (SOARES, 2004, p.100). Bem como, assume uma nova perspectiva na qual se considera a escrita alfabética como um sistema notacional, com a Teoria da Psicogênese da Escrita, a partir dos estudos realizados por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979), contribuindo com propostas de ensino que enverdeciam o SEA como um sistema notacional, no qual apontam dois pontos essenciais na compreensão do sistema de escrita como um sistema notacional e não como um código, primeiro as crianças não sabem o que são as letras o que representam. Segundo que não se tratam de informações prontas que apenas precisam ser transmitidas pelos professores.

Os aprendizes precisam dar conta de dois tipos de aspectos do sistema alfabético: os conceituais e os convencionais. Os primeiro (conceituais) têm a ver com as duas questões acima colocadas, que remetem “a natureza a profunda” do processo de representação simbólica (ou notação). Os segundos, como o próprio nome diz, têm a ver com convenções, que poderiam ser alteradas por acordo social, sem que a natureza alfabética do sistema fosse mudada: escrevemos, nas com alfabeto latino, da esquerda para a direita, geralmente de cima para baixo, deixamos espaços entre as palavras escritas e usamos apenas certas letras que, ao longo da história, foram escolhidas para substituir determinados sons (Ferreiro, 1982 *apud* Moraes, 2012, p.50).

Neste sentido para compreender o sistema de escrita os alunos precisam compreender o que são as letras, o que representam e como ocorrem estas representações para isso é necessário os professores, em suas práticas de ensino, os ajudem na construção dos princípios do sistema de escrita, segundo (MORAIS, 2012, p.51) os alunos precisam compreender que:

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d) embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as palavras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados por mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Estes princípios compreendem ao processo de construção da escrita alfabética que devem ser desenvolvidos em práticas de ensino, nas quais os professores oportunizem aos alunos atividades de leitura e produção de textos que englobem os diversos gêneros textuais que circulam e estão postos no cotidiano dos alunos (anúncios, revistas, jornais, cantigas, poemas parlandas entre outros), de maneira que a situação de aprendizagem faça menção às características dos gêneros, os contextos de uso social e também integrem os princípios do sistema de escrita alfabética.

No processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, os alunos precisariam compreender como esse sistema funciona e isso pressupõe que descubram que o que a escrita alfabética nota no papel são os sons das partes orais das palavras e que o faz considerando segmentos sonoros menores que a sílaba. É interagindo com a língua escrita através de seus usos e funções que essa aprendizagem ocorreria, e não a partir da leitura de textos “forjados” como os presentes nas “cartilhas tradicionais” (ALBUQUERQUE, 2005, p.17).

O processo de construção do sistema como proposto pela teoria de Ferreiro e Teberosky (1979) nos traz uma visão clara que as crianças passam por etapas as quais constroem respostas para a compreensão do sistema de escrita, a cada etapa as crianças fazem uma descoberta relacionada aos princípios do sistema, promovendo desta maneira respostas que regem o processo de apropriação do sistema, o que são as letras? O que representam? E como ocorrem tais representações? (MORAIS, 2012).

Este processo de construção do sistema se inicia na fase Pré-silábica que corresponde ao início do processo de alfabetização no qual as crianças não sabem o que são as letras e desta maneira para notar as letras as crianças passam a inventar letras, fazem desenhos para

representar as palavras, ao escrever as palavras misturam com números, as letras são aleatórias sem relação com som. Nesta fase “A criança desenvolve a hipótese de que a palavra precisa ser escrita com uma quantidade mínima de letras e que estas devem variar.” (AQUINO, 2007, p.28).

Na segunda fase, a silábica, as crianças já sabem o que são as letras, descobrem a relação entre a escrita e a fala. Neste percurso de descoberta e construção do sistema de escrita apresentam a hipótese silábica inicial, na qual a criança ao escrever uma determinada palavra busca escrevê-la colocando a quantidade de letras correspondente a pronúncia dos sons que compõem a palavra (as sílabas); na hipótese *silábica de quantidade* as crianças ao escrever uma palavra colocam uma letra para cada sílaba, no entanto estas letras não estão relacionadas com os sons das sílabas; na hipótese *silábica de qualidade* as crianças ao escrever uma palavra buscam representar cada sílaba com uma letra fazendo o registro do som desta sílaba, ou seja, “a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala” (AQUINO, 2007, p.28).

Diante disto percebemos que as crianças, mesmo que de maneira “inconsciente”, se utilizam das habilidades de consciência fonológica para fazer o registro (escrever) de uma palavra considerando o valor sonoro de uma sílaba produzindo notação de uma letra para representar as sílabas da palavra.

Na fase, silábico-alfabética é o período de transição para a fase alfabética. Nesta fase já compreendem que a escrita alfabética nota a fala, no entanto precisam compreender que uma letra não nota os sons que formam uma sílaba, precisam estabelecer a relação entre grafemas (letras) e fonemas.

Ao chegar à fase alfabética as crianças já compreendem o que são as letras, o que representam e como ocorrem estas representações, ou seja, as crianças já estabelecem a relação grafafônica de acordo com a pronúncia da palavra, apresentando somente erros ortográficos.

Portanto alfabetizar letrando consiste em desenvolver práticas de ensino que envolvam leitura e escrita de textos reais que integrem os diversos gêneros textuais considerando suas características, os elementos que os compõem, cada gênero a ser trabalhado em sala e como estes gêneros se apresentam na sociedade, uso e funções destes textos, bem como o desenvolvimento destas atividades de leitura e escrita, as quais compreendam os princípios do sistema para que, desta forma, as crianças possam se apropriar do sistema de escrita alfabética e se tornem alfabetizados.

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabética. (ALBUQUERQUE e SANTOS, 2007, p.98).

Leite e Morais (2005) reconhecem os princípios defendidos pela teoria da psicogênese da escrita, compreendem que o processo de alfabetização é um percurso evolutivo no qual as crianças criam hipóteses (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética), em seguida criticam as limitações relacionadas aos estudos sobre a consciência fonológica, defendem práticas de ensino que promovam a reconstrução das propriedades do sistema de escrita alfabética combinada com a reflexão sonora das palavras que para as crianças alcançarem as hipóteses alfabéticas é necessário que as crianças pensem sobre as partes sonoras das palavras.

Albuquerque (2005) apresenta um relato de uma professora que ensina há mais de 15 anos em uma rede pública, em suas práticas de ensino buscava realizar atividades envolvendo leitura e produção de textos utilizando diversos gêneros textuais na perspectiva do letramento, no entanto os seus alunos não se alfabetizavam. Isso porque de acordo com o relato da professora, nas suas práticas de ensino não havia reflexão no nível da palavra e de análise

fonológica. Diante disto Albuquerque defende um ensino que reflita sobre o sistema de escrita no qual as atividades de ensino reflitam sobre o que a escrita representa: atividades que envolvem as habilidades de consciência fonológica a partir de leitura e produção de textos utilizando gêneros textuais como poemas, parlendas, cantigas e atividades com palavras estáveis, ou seja, são práticas de ensino que envolve a consciência fonológica, leitura e produção de textos com diferentes gêneros um trabalho sistemático que permitem a compreensão do sistema de escrita alfabética e desta maneira os alunos se tornem alfabetizados.

Desta maneira, podemos perceber que a consciência fonológica é importante para que as crianças se tornem alfabetizadas, pois o conjunto de habilidades ajuda na compreensão do sistema de escrita alfabética, no entanto não é somente a consciência fonológica que irá fazer com que as crianças se tornem alfabetizadas, mas um trabalho sistemático que envolva leitura e produção de textos “o desenvolvimento de habilidades fonológicas é uma condição necessária, mas não suficiente, para uma criança atingir uma hipótese alfabética” (MORAIS, 2012, p.91).

A discussão apresentada neste trabalho é um embasamento teórico de suma importância para a execução da pesquisa em andamento que têm como princípio conhecer as práticas de uma docente do 1º ano do ensino fundamental com foco em suas práticas de alfabetização na perspectiva do letramento e as relações entre consciência fonológica e alfabetização.

Referências

ALBUQUERQUE Eliana Borges Correia. Conceituando Alfabetização e Letramento In: SANTOS, Carmi Ferraz, MENDONÇA, Márcia. (Org). **Alfabetização e Letramento: Conceitos e relações**. Belo Horizonte, Autentica. 2007. p. 11-22.

ANDRÉ, Marli E.D.A. LÜDKE. Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P. U, 2012.

AQUINO, Socorro Barros de. **O trabalho com consciência fonológica na educação infantil e o processo de apropriação da escrita pelas crianças**. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE, 2007.

BEZERRA, Valéria Suely Simões Barza. **Jogos de Análise Fonológica: Alguns percursos na interação de duplas de crianças**. 2008, 186f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2008.

LEITE, Tânia Maria Rios. **Alfabetização Consciência fonológica psicogênese da escrita e conhecimentos dos nomes das letras: um ponto de interseção**. 2006. 192f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de; Leite, Tânia Maria Rios. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizados? In: ALBURQURQUE; Eliana B. C.; LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. (Orgs). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autentica. 2005. p. 71-88.

MORAIS, Artur Gomes de; Silva, Alexsandro da. Consciência fonológica na Educação infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (Orgs). **Ler e escrever**

na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas Belo Horizonte: Autêntica Editora 2010 (língua portuguesa na escola; 2). p.73-91.

MORAIS. Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo, Editora Melhoramentos, 2012.

_____ Como as crianças aprendem a escrita alfabética? O que a capacidade de refletir sobre “os pedaços sonoros” das palavras tem a ver com isso? _ Salto para o Futuro, Rio de Janeiro, Ano XXIII, p. 12-23, 2013. Disponível em <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/13054004_Alfabetizacaoaprendizagemensinodaleituraedaescrita.pdf> Acesso em 03 de Out de 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 5ª. Edição. Contexto, São Paulo, 2008.

XAVIER. Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos:** [ciências humanas e sociais aplicadas: artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, TCC, projeto, slide]. Recife: Editora Rêspel, 2010. p.35-40.